

PREVALÊNCIA DO TABAGISMO ENTRE DISCENTES DO CURSO DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE SEVERINO SOMBRA

Ana Carla Balthar Bandeira

Discente do Curso de Enfermagem da Universidade Severino Sombra - USS. E-mail: anacbbandeira@pop.com.br

Tereza Aparecida Dornelas

Bióloga; Mestre em Biologia Animal pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ; Docente Titular da disciplina de Epidemiologia do Curso de Enfermagem da Universidade Severino Sombra – USS. e-mail: tsdornelas@oi.com.br

Marco Aurélio dos Santos Silva

Fisioterapeuta; Mestrando em Biologia Humana e Experimental pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ; Docente Assistente I da disciplina de Anatomia Humana do Curso de Enfermagem da Universidade Severino Sombra - USS. E-mail: marcoaureliohanato@hotmail.com

Geovani Nunes Dornelas

Matemático; Mestrando em Modelagem Matemática e Estatística Aplicada pela Universidade Vale do Rio Verde – UninCor; Docente Adjunto I da disciplina de Bioestatística do Curso de Enfermagem da Universidade Severino Sombra - USS. E-mail: gndornelas@gmail.com

Lília Marques Simões Rodrigues

Enfermeira; Especialista em Metodologia do Ensino Superior pela Universidade Severino Sombra – USS; Docente Titular da disciplina de Enfermagem Clínica em Alta Complexidade, Coordenadora do Curso de Enfermagem da Universidade Severino Sombra - USS. E-mail: lilia@uss.br

Frank Silva Bezerra

Fisioterapeuta; Doutor em Ciências Morfológicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ; Docente Adjunto I da disciplina de Anatomia Humana Básica do Curso de Medicina da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP. E-mail: frank@iceb.ufop.br

RESUMO: O objetivo deste estudo foi levantar a prevalência e o perfil de tabagistas entre discentes do Curso de Enfermagem da Universidade Severino Sombra. Para isto, durante o período de fevereiro a março de 2009 foi aplicado um questionário para uma amostra de 200 alunos devidamente matriculados e com 18 anos completos. Foi utilizada a análise de prevalência, aproximada em 100%. A prevalência de fumantes, ex-fumantes e não fumantes foi de 10,5%, 4% e 85,5%, respectivamente. O tabagismo foi 1,2 vezes mais frequente entre os homens (11,8/10,1) e entre as mulheres na faixa etária de 21 e 30 anos, com 33,3%. A idade de início do tabagismo foi prevalente antes dos 18 anos (71,4%) e os fatores motivadores ao fumo foram a influência de amigos e a curiosidade, com 38,1% e 28,6%, respectivamente. A maioria dos fumantes (71,4%) apresentou grau leve de dependência nicotínica. Concluiu-se que o tabagismo entre os acadêmicos do Curso de Enfermagem da USS mostrou-se presente e discretamente aumentado em relação a trabalhos anteriores.

PALAVRAS-CHAVE: Tabagismo; Prevalência do Fumo; Perfil do Acadêmico de Enfermagem.

PERSISTENCE OF SMOKING HABIT AMONG NURSING COURSE STUDENTS AT THE UNIVERSITY SEVERINO SOMBRA

ABSTRACT: Prevalence and profile of smoking Nursing Course students at the University Severino Sombra, Vassouras RJ Brazil, are provided. A questionnaire was handed to a sample of 200 over-18-year-old registered students, from February to March 2009. Prevalence analysis, approximated to 100%, was employed. The prevalence of smokers, former smokers and nonsmokers was 10.5%, 4% and 85.5% respectively. Smoking was 1.2 times more frequent among males (11.8 / 10.1) and among females aged 21 to 30 years old, with 33.3%. Starting smoking age was prior to the students' 18th year (71.4%) and smoking-motivating factors comprised influence of friends and curiosity, with 38.1% and 28.6% respectively. Most smokers (71.4%) had mild nicotine-dependence. Results show that smoking among nursing students at the USS was not merely present but slightly higher than results provided by previous research.

KEYWORDS: Smoking; Prevalence of Smoking; Profile of Nursing Student.

INTRODUÇÃO

O tabagismo é um sério problema de saúde pública na maioria dos países e causa cerca de cinco milhões de mortes anuais. A expectativa para o ano de 2020, se o consumo atual se mantiver, é a duplicação do número de mortes, que ocorrerão, principalmente, nos países em desenvolvimento, o que é mais do que a soma das mortes por alcoolismo, AIDS, acidentes de trânsito, homicídios e suicídios juntos (BRASIL, 2007). Durante o século XXI, estima-se que ocorra um bilhão de mortes (WHO, 2008).

O hábito de fumar gera uma perda mundial de 200 bilhões de dólares por ano, sendo que a metade dela ocorre nos países de baixa renda. Este valor, calculado pelo Banco Mundial, é o resultado da soma de vários fatores, como o tratamento das doenças relacionadas ao tabaco, mortes de cidadãos em idade produtiva, maior índice de aposentadorias precoces, aumento no índice de faltas ao trabalho e menor rendimento produtivo (IGLESIAS et al., 2007). Esta epidemia tornou-se um ciclo vicioso onde, quanto maior a pobreza e menor os níveis socioeconômicos, crescente é o número de tabagistas, condição que afeta a situação econômica como um todo, trazendo mais pobreza.

Há poucos estudos sobre a prevalência do tabagismo no Brasil. Atualmente, atribui-se ao fumo uma mortalidade anual no país de 200 mil óbitos, o que significa 23 mortes a cada hora (FALCÃO; COSTA, 2008). De acordo com o Inquérito Domiciliar sobre Comportamentos de Risco e Morbidade Referida de Doenças e Agravos Não Transmissíveis, realizado em 2002 e 2003, entre pessoas de 15 anos ou mais, residentes em 15 capitais brasileiras e no Distrito Federal, a prevalência de tabagismo variou de 12,9 a 25,2% nas cidades estudadas. Em 2006, aproximadamente 20% dos homens e 13% das mulheres fumavam nas principais cidades, capitais como Salvador, Porto Alegre e Rio Branco (IGLESIAS et al., 2007).

Cerca de 4.720 elementos diferentes já foram identificados na fumaça do cigarro, incluindo muitos que são farmacologicamente ativos mutagênicos e carcinogênicos (CHURG; PRIO, 1985). A nicotina é principal substância responsável pela dependência, porém esta envolve ainda componentes comportamentais (condicionamento) e

psicológicos (dependência psicológica) (HALTY et al., 2002a).

Apesar do conhecimento dos malefícios do cigarro, muitas pessoas continuam fumando e a experimentação, entre os jovens, se dá cada vez mais cedo. Segundo estudos da Organização Pan-americana de Saúde (OPAS, 1997), o conhecimento mais profundo dos efeitos deletérios do tabagismo não é obstáculo para que sua prática seja frequente entre os profissionais de saúde. Tendo em vista a preocupação com o futuro desta classe profissional, o objetivo geral do presente estudo foi: levantar a prevalência e o perfil de tabagistas entre discentes do Curso de Enfermagem da Universidade Severino Sombra.

2 MÉTODOS

O presente estudo de caráter epidemiológico descritivo de prevalência foi realizado no Campus da Universidade Severino Sombra - USS, instituição de ensino superior privada, no município de Vassouras - RJ.

Participaram do estudo acadêmicos do Curso de Enfermagem e os critérios de inclusão foram: estar devidamente matriculados na universidade e ter dezoito anos completos. Durante o período de fevereiro a março de 2009, foram coletados os dados através de um questionário com perguntas abertas e fechadas, incluindo o teste de Fagerström, ferramenta largamente utilizada para verificação do grau de dependência nicotínica (HALTY et al., 2002a). Antes de responderem ao questionário, todos os participantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), autorizando suas participações na pesquisa. O curso de Enfermagem da USS conta com 346 acadêmicos. Destes, responderam ao questionário 200 alunos que foram utilizados como nossa amostra.

Os dados foram tabulados nos programas Microsoft Excel 2007 e Graphpad Prism 5 para a formulação de tabelas e gráficos, respectivamente. Adotou-se a análise de prevalência, aproximada em 100%, para a verificação de correção entre os resultados encontrados.

Este estudo está de acordo com os princípios da Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde de pesquisa com seres humanos sendo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da USS (CEP nº 003/2009-01).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre 200 acadêmicos de enfermagem que responderam ao questionário, 149 (74,5%) eram do sexo feminino e 51 (25,5%) eram do sexo masculino.

Quanto à faixa etária, apresentaram uma média de idade de $24,8 \pm 6,5$ anos e o número de acadêmicos mostrou-se prevalente nas faixas etárias entre 18 a 20 anos e 31 a 49 anos, correspondendo a 34% (68) e 39% (78), respectivamente. A prevalência foi menor na faixa etária entre 21 a 30 anos, correspondendo a 27% (54) da população total. Entre os acadêmicos do sexo masculino, 14 (27,5%) tinham idades entre 18 a 20 anos, 30 (58,8%) estavam na faixa etária entre 21 a 30 anos e apenas sete (13,7%) estavam na faixa etária entre 31 a 49 anos. Entre as acadêmicas, 54 (36,2%) tinham idades entre 18 a 20 anos, 24 (16,1%) tinham entre 21 a 30 anos e 71 (47,7%) encontravam-se na faixa de idade entre 31 e 49 anos.

Quanto ao hábito de fumar, 21 acadêmicos (10,5%) responderam serem tabagistas, 8 (4%) responderam ser ex-

fumantes e 171 (85,5%) não fumantes. Relacionando-se o tabagismo ao gênero, 11,8% (6) dos estudantes do sexo masculino eram fumantes, 5,9% (3) ex-fumantes e 82,3% não fumantes. Entre as mulheres, 10,1% (15) eram fumantes, 3,4% (5) ex-fumantes e 86,5% (129) não fumantes. Nesse estudo, o tabagismo foi 1,2 vezes mais frequente entre os homens (11,8/10,1).

Entre o sexo masculino, na faixa etária de 18 a 20 anos, as prevalências de fumantes, ex-fumantes e não fumantes foram de 14,3% (2/14), 0% (0/14) e 85,7% (12/14). Na faixa etária entre 21 a 30 anos, os índices foram de 10% (3/30), 10% (3/30) e 80% (24/30), respectivamente, assim como na de 31 a 49 anos, os índices foram de 14,3% (1/7), 0% (0/7) e 85,7% (6/7). Entre os acadêmicos do sexo feminino, na faixa etária de 18 a 20 anos, as prevalências de fumantes, ex-fumantes e não fumantes foram de 3,7% (2/54), 1,9% (1/54) e 94,4% (51/54). Na faixa etária entre 21 a 30 anos, as prevalências foram de 33,3% (8/24), 4,2% (1/24) e 62,5% (15/24), e entre os 31 e 49 anos, as prevalências foram de 7% (5/71), 4,2% (3/71) e 88,7% (63/71), respectivamente (Tabela 1).

Tabela 1. Prevalência do Tabagismo

Faixa Etária	Fumante		Ex-Fumante				Não Fumante					
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino		
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
18- 20	2/14	14,3%	2/54	3,7%	0/14	0,0%	1/54	1,9%	12/14	85,7%	51/54	94,4%
21- 30	3/30	10,0%	8/24	33,3%	3/30	10,0%	1/24	4,2%	24/30	80,0%	15/24	62,5%
31- 49	1/7	14,3%	5/71	7,0%	0/7	0,0%	3/71	4,2%	6/7	85,7%	63/71	88,7%
Total	6/51	11,8%	15/149	10,1%	3/51	5,9%	5/149	3,4%	42/51	82,4%	129/149	86,6%

Entre os 21 fumantes contabilizados neste estudo, 15 (71,4%) iniciaram o tabagismo antes dos 18 anos e apenas seis (28,6%) iniciaram com 18 anos ou mais. A média de idade de início do tabagismo foi de $16 \pm 2,5$ anos, com idade mínima de 13 anos e máxima de 21 anos. Entre os acadêmicos fumantes do

sexo masculino, cinco (83,3%) começaram a fumar antes dos 18 anos e um (16,7%) depois desta idade. Entre as mulheres, 10 (66,7%) iniciaram o hábito antes de completarem 18 anos e cinco (33,3%), depois (Tabela 2).

Tabela 2. Prevalência de idade do início do tabagismo

Faixa Etária	Sexo				Total	
	Masculino		Feminino		n	%
	n	%	n	%	n	%
< 18 anos	5	83,3%	10	66,7%	15	71,4%
= 18 anos	1	16,7%	5	33,3%	6	28,6%
Total	6	100,0%	15	100,0%	21	100,0%

Quanto ao número de cigarros fumados por dia, quatorze (66,7%) responderam fumar 10 cigarros ou menos, quatro (19%) fumavam entre 11 a 20 cigarros, um (4,8%) fumava entre 21 a 30 cigarros e dois (9,5%) consumiam 31 ou mais cigarros. Entre os homens, cinco (83,3%) consumiam 10 ou menos

cigarros e um (16,7%) consumia entre 11 a 20 cigarros. Entre as mulheres, nove (60%) fumavam 10 ou menos cigarros, três (20%) fumavam de 11 a 20 cigarros, um (6,7%) fumava entre 21 a 30 cigarros e dois (13,3%) 31 ou mais cigarros (Tabela 3).

Tabela 3. Consumo de cigarros/dia

nº cigarros/dia	Sexo				Total	
	Masculino		Feminino		n	%
	n	%	n	%	n	%
= 10	5	83,3%	9	60,0%	14	66,7%
11 - 20	1	16,7%	3	20,0%	4	19,0%
21 - 30	0	0,0%	1	6,7%	1	4,8%
= 31	0	0,0%	2	13,3%	2	9,5%
Total	6	100,0%	15	100,0%	21	100,0%

Quanto ao tempo do tabagismo, a prevalência dos que fumam há menos de cinco anos, entre 5 a 10 anos, entre 10 a 20

anos e mais de 20 anos foi de 24% (5), 38% (8), 24% (5) e 14% (3), respectivamente (Figura 1).

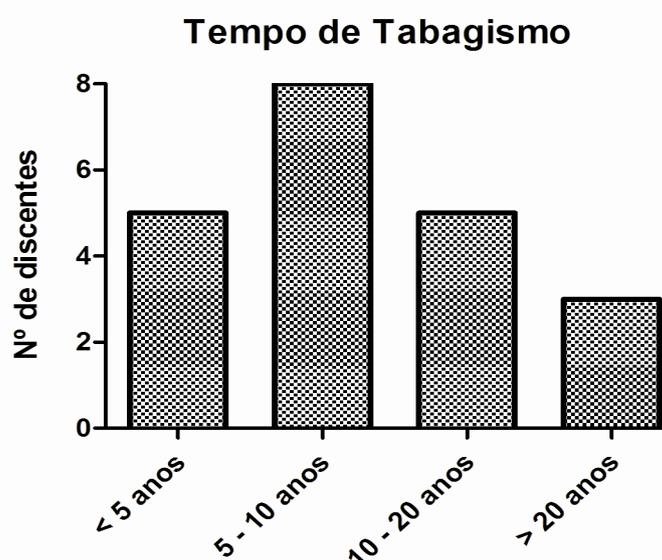
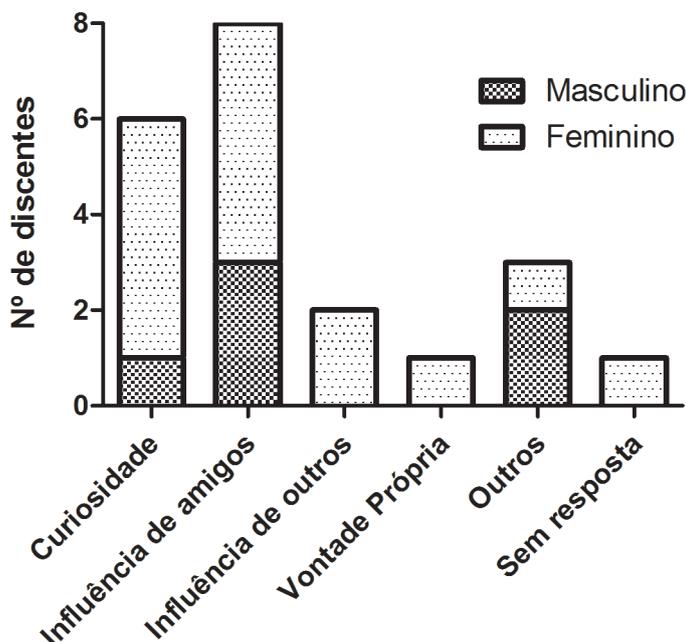


Figura 1 Tempo de Tabagismo

Os fatores motivadores ao início do tabagismo mais citados foram: a curiosidade (6; 28,6%), a influência de amigos (8; 38,1%), a influência de outros (2; 9,5%), a vontade própria (1; 4,8%), outros (3; 14,2%) e apenas um participante não respondeu à questão (1; 4,8%). Entre o sexo masculino, foram citados a curiosidade (1; 16,7%), a influência de amigos (3; 50%) e outros (2; 33,3%). Enquanto que dentro da população do sexo feminino a curiosidade e a influência de amigos tiveram uma prevalência semelhante (5; 33,3%), assim como a vontade própria e outros (1; 6,7%) e citaram, ainda, a influência de outros (2; 13,3%) (Figura 2).

Figura 2 Fatores Motivadores ao Início do Tabagismo

Fatores motivadores ao início do tabagismo

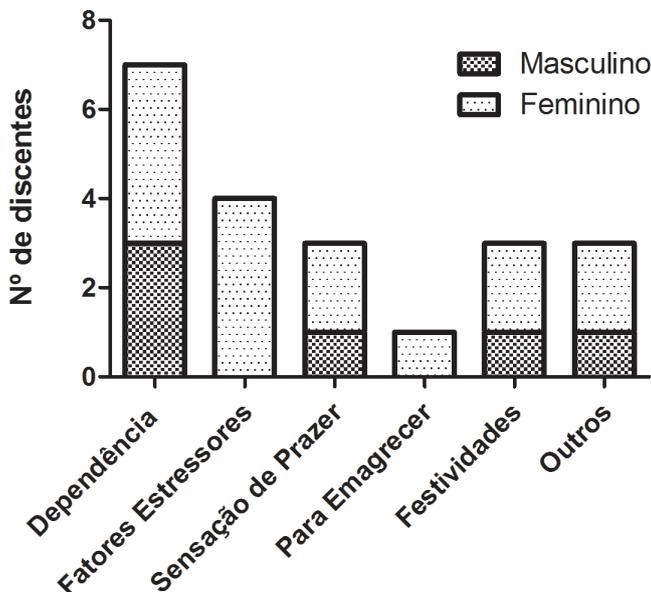


Os fatores citados como motivadores para a manutenção do tabagismo foram: a dependência química e psicológica (7; 33,3%), fatores estressores em geral (4; 19%), sensação de prazer (3; 14,3%), emagrecimento (1; 4,8%), festividades (3; 14,3%) e outros (3; 14,3%). Entre o sexo masculino, a dependência foi o principal fator motivador (3; 50%), seguido

por sensação de prazer, restituições e outros (1; 16,6% cada). Entre o sexo feminino, tanto a dependência (4; 26,7%) quanto fatores estressores (4; 26,7%) foram citados como principais fatores motivadores, seguido por sensação de prazer (2; 13,3%), festividades (2; 13,3%), outros (2; 13,3%) e emagrecimento (1; 6,7%) (Figura 3).

Figura 3 Fatores Motivadores a Manutenção do Tabagismo

Fatores motivadores a manutenção do tabagismo



A prevalência da dependência leve na amostra estudada foi de 71,4% (15), do grau moderado de 23,8% (5) e do grau grave de 4,8% (1). Quando separados por gênero, o grau de dependência leve no sexo masculino teve uma prevalência de 83,3% (5), na moderada de 16,7% (1) e na grave de 0% (0). Entre o sexo feminino, a prevalência nas dependências leve, moderada e grave foi de 66,6% (10), 26,7% (5) e 4,8% (1), respectivamente (Tabela 4).

Tabela 4. Grau de dependência nicotínica

Grau de Dependência	Sexo				Total	
	Masculino		Feminino		n	%
	n	%	n	%	n	%
Leve	5	83,3%	10	66,6%	15	71,4%
Moderada	1	16,7%	4	26,7%	5	23,8%
Grave	0	0,0%	1	6,7%	1	4,8%
Total	6	100,0%	15	100,0%	21	100,0%

Entre os ex-fumantes, a prevalência dos que abandonaram o fumo entre um a cinco anos é de 50% (4), daqueles que abandonaram este hábito há menos de um ano, entre cinco e 10 anos e há mais de 10 anos é de 12,5% (1) cada (Figura 4).

Tempo de abandono do fumo

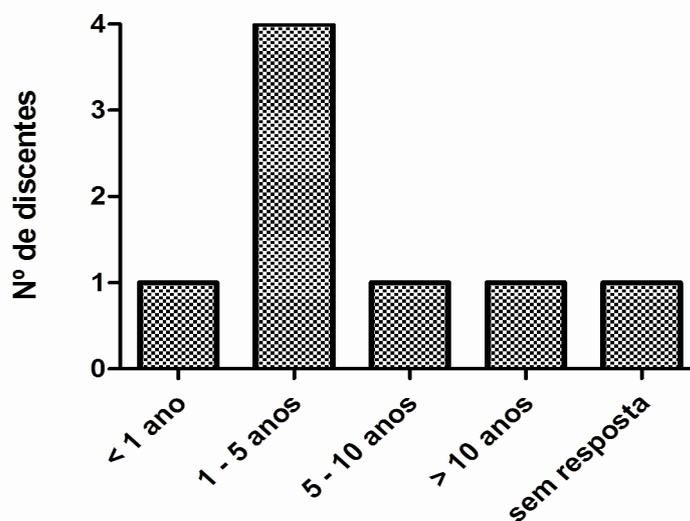


Figura 4 Tempo de Abandono do Fumo

Entre os fatores citados pelos ex-fumantes como sendo motivadores para o abandono do tabagismo estão a conscientização dos malefícios do cigarro (2; 25%), os problemas de saúde (2; 25%), a gestação (1; 12,5%) e outros (2; 25%). Entre os acadêmicos ex-fumantes do sexo masculino, os fatores prevalentes foram os problemas de saúde (1; 33,3%) e outros (1; 33,3%). Entre as ex-fumantes do sexo feminino, o principal fator motivador citado foi a conscientização (2; 40%) e, em sequência, a gestação (1; 20%), problemas de saúde (1; 20%) e outros (1; 20%) (Tabela 5).

Tabela 5. Prevalência de fatores motivadores ao abandono do tabagismo

Fatores	Sexo				Total	
	Masculino		Feminino			
	n	%	n	%	n	%
Gestação	0	0,0%	1	20,0%	1	12,5%
Conscientização	0	0,0%	2	40,0%	2	25,0%
Problemas de Saúde	1	33,3%	1	20,0%	2	25,0%
Outros	1	33,3%	1	20,0%	2	25,0%
Sem Resposta	1	33,3%	0	0,0%	1	12,5%
Total	3	100,0%	5	100,0%	8	100,0%

No curso de enfermagem da USS, a população prevalente foi a do sexo feminino, correspondendo a 74,5% (149), enquanto o sexo masculino correspondeu a 25,5% (51) da amostra. Em 2001, estudo semelhante foi realizado na escola de enfermagem da Universidade de São Paulo - USP e, dentre uma amostra de 314 acadêmicos, 293 (93,3%) eram do sexo feminino, enquanto apenas 21 (6,7%) eram do sexo masculino (OGUISSO; SEKI, 2001). Em 2004, as prevalências dos sexos femininos e masculinos, no curso de enfermagem da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP, foram de 94,3% (263) e 5,7% (16), respectivamente (SAWICKI; ROLIM, 2004). Santos, Rodrigues e Reinaldo (2007), entrevistaram 60 alunos do Curso de Enfermagem de uma Universidade do interior de Minas Gerais e destes, 50 (83,3%) eram mulheres e 10 (16,7%) eram homens. Observou-se uma prevalência do sexo masculino superior à encontrada na literatura. Esses dados mostram que, apesar da predominância de gênero na área da enfermagem, o número de profissionais do sexo masculino no meio vem aumentando gradativamente.

Em estudo de Sawicki e Rolim (2004), a média de idade da população estuda foi de 21,5 anos e a prevalência de acadêmicos foi maior na faixa etária de 21 a 30 anos (162; 58,1%); na faixa etária de 17 a 20 anos encontrou o correspondente a 39,4% (110) dos acadêmicos e foi menor na faixa etária de 31 a 47 anos (7; 2,5%), resultados diferentes dos que foram encontrados neste estudo, onde a média de idade dos acadêmicos foi maior ($24,8 \pm 6,5$ anos) e as prevalências foram maiores nas faixas etárias de 31 a 49 anos (78; 39%) e 18 a 20 anos (68; 34%) e menor entre a faixa etária de 21 a 30 anos (54; 27%).

A prevalência encontrada, na presente pesquisa, foi 10,5% (21) de fumantes, 4% (8) de ex-fumantes e 85,5% (171) de não fumantes. Menezes, Hallal e Silva (2004) realizaram estudo com acadêmicos de medicina da Universidade Federal de Pelotas e, em uma amostra de 447 participantes, encontraram 10,1%

de fumantes, resultado semelhante com o desta pesquisa. Em 2001, estudo com acadêmicos do Curso de Enfermagem da USP encontrou uma prevalência maior de tabagistas quando comparado a este estudo, sendo 15% de fumantes (OGUISSO; SEKI, 2001). Estudos de Sawlcki e Rolim (2004), Andrade e colaboradores (2006) e Santos, Rodrigues e Reinaldo (2007) encontraram uma menor prevalência de tabagistas de 8,2%, 7% e 6,7%, respectivamente.

Em relação à prevalência de tabagistas de acordo com o gênero, o fumo mostrou-se 1,2 vezes mais frequente entre os homens (11,8/10,1). Da mesma forma, a diferença entre os sexos quando relacionado à prevalência de ex-fumantes e não fumantes foi similar. Este dado mostra que a diferença de consumo entre os sexos não é mais tão evidente como em estudos passados. Há alguns anos houve um aumento na participação das mulheres no consumo do cigarro (SILVA; KOIFMAN, 1998).

Observou-se que a prevalência de tabagistas do sexo feminino é substancialmente aumentada na faixa etária entre 21 e 30 anos (8; 33,3%), em comparação às faixas etárias de 18 a 20 anos (2; 3,7%) e de 31 a 49 anos (5; 7%). Esses dados são um alerta à saúde da mulher, especificamente na faixa de idade onde a prevalência do tabagismo mostrou-se aumentada, ou seja, entre 21 e 30 anos. As mulheres são extremamente suscetíveis aos malefícios do fumo. Dentre eles, menopausa precoce, dismenorréia, osteoporose, infertilidade, problemas relacionados à gestação e o câncer de mama (ROSEMBERG, 2005).

Segundo dados do Instituto Nacional do Câncer – INCA (BRASIL, 2004), a média do primeiro contato com o cigarro é aos 14 anos, mas chega a ocorrer três ou até quatro anos antes. A quase totalidade dos fumantes adquire o hábito de fumar na adolescência e, quanto mais cedo é o início, maior é a

dificuldade de parar e maior o risco de adoecer (HARRELL et al., 1998). Cerca de 90% dos fumantes iniciaram o hábito antes dos 19 anos e 50% dos que já experimentaram um cigarro se tornaram fumantes na vida adulta (CINCIPRINI et al., 1997). Um estudo realizado em Portugal, com 2.036 adolescentes de 13 anos, evidenciou uma prevalência de 3% de fumantes sendo que, 20% já haviam experimentado o cigarro (FRAGA; RAMOS; BARROS, 2006). Foi identificado que 71,4% (15) dos acadêmicos iniciaram seu hábito antes dos 18 anos e 28,6% (6) depois desta idade, dados que comprovam estudos anteriores. A idade média de início do tabagismo encontrada foi superior à de estudos do INCA (BRASIL, 2004).

Com relação ao número de cigarros consumidos por dia, a maioria dos tabagistas consumia 10 ou menos cigarros por dia e as mulheres mostraram consumir uma média maior de cigarros quando comparadas aos homens. Resultado semelhante foi encontrado na Universidade de Brasília - UnB em 2006, onde os acadêmicos fumavam em média $7,5 \pm 7,3$ cigarros por dia e 77,5% (93) dos alunos consumiam entre 1 a 10 cigarros por dia (ANDRADE et al., 2006). Entre os médicos do Distrito Federal, em 2007, foi levantado que mais da metade dos tabagistas (52,6%) consumia de 1 a 10 cigarros por dia (VIEGAS; ANDRADE; SILVESTRE, 2007). Um consumo maior de cigarros foi observado entre acadêmicos do Curso de Enfermagem da USP em 2001, onde 57,9% (22) fumavam de 6 a 20 cigarros por dia, 39,5% (15) fumavam de 1 a 5 cigarros e 2,6% (1) consumiam mais de um maço (20 unidades) (OGUISSO; SEKI, 2001). Em 2008, entre médicos do abc paulista, o levantamento da intensidade do tabagismo em relação sexo mostrou que a maioria dos homens fumava de 11 a 20 cigarros por dia, enquanto que a maioria das mulheres encontrava-se no grupo que fumava entre 1 a 10 cigarros por dia (GUAZZELLI; TERRA FILHO; FISS, 2005), resultado que se mostrou diferente do encontrado neste estudo, onde se observou um consumo maior de cigarros entre as mulheres.

Quando foi perguntado aos acadêmicos sobre o que os motivou ao início do tabagismo, a grande maioria respondeu que foi a influência de amigos e a curiosidade, com prevalências de 38,1% (8) e 28,6% (6), respectivamente. Entre os homens, a influência de amigos teve a maior prevalência e, entre as mulheres, tanto a curiosidade quanto a influência de amigos teve papel importante no início do hábito de fumar. Entre acadêmicos do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP (SAWICK; ROLIM, 2004) foi encontrada como fator motivador à experimentação do

cigarro a curiosidade (63), seguida da influência de pessoas do convívio (31). Entre acadêmicos do Curso de Enfermagem da USP, a grande maioria dos estudantes começou a fumar por curiosidade (37; 97,4%), 16 alunos (42,1%) foram influenciados por amigos e apenas três (7,9%) sofreram influência de pais e familiares (OGUISSO; SEKI, 2001). Em estudo com jovens portugueses, o motivo indicado para a experimentação do fumo foi a curiosidade, referida por 48,4% das meninas e 45,6% dos meninos; e a segunda razão mais citada foi ter algum amigo fumante, correspondendo a 13,6% e 21,1%, respectivamente para meninos e meninas (FRAGA; RAMOS; BARROS, 2006). Em estudo com acadêmicos de diferentes cursos da UnB, a vontade própria foi o motivo mais citado para o início do tabagismo, com 57,6% (129) das respostas. Em seguida, 23,2% (52) citaram a influência de amigos, 8,5% (19) o modismo e 4% (9) a influência dos pais (ANDRADE et al., 2006). Entre a população médica do Rio Grande foi observado que os fatores motivadores ao início do fumo foram, principalmente, modismo em 18/53 (34%), seguida por vontade própria em 16/53 (30,2%) e influência de amigos com 12/53 (22,6%) (HALTY et al., 2002b). Apesar de alguns estudos apontarem diferentes fatores que influenciam diretamente no início do tabagismo, a curiosidade e a influência de amigos mostram-se determinantes neste processo.

De acordo com os dados colhidos, o fator que mais motiva os fumantes a manterem o hábito é a dependência (7; 33,3%) seguido pelo estresse (4; 19%). Resultado diferente foi encontrado entre estudantes da Escola de Enfermagem da USP, onde a maioria disse continuar fumando por achar o hábito relaxante (34; 87,2%), enquanto apenas três participantes citaram o vício como um fator determinante (3; 7,9%) (OGUISSO; SEKI, 2001).

De acordo com o teste de Fagerström (HALTY et al., 2002a), foi identificado apenas um fumante com grau de dependência nicotínica grave (1; 4,8%) e a grande maioria apresentou dependência leve (15; 71,4%), o que é um ponto positivo na tentativa de cessação do fumo, visto que os sintomas de abstinência tendem a não aparecer com tanta intensidade.

Entre os ex-fumantes de um estudo realizado na Escola de Enfermagem da USP foi observado que 40% (14) estão em abstenção do fumo de 13 a 60 meses, 11 (31,4%) há mais de cinco anos e 10 (28,6%) por menos de um ano (OGUISSO; SEKI, 2001). Ainda, sobre os motivos que levaram essas pessoas a abandonarem o hábito de fumar, a iniciativa própria

foi a mais citada. Outros motivos foram os problemas de saúde e a influência de amigos. O presente estudo confirma que metade dos ex-fumantes está em abstenção entre um a cinco anos (4; 50%) e sobre os fatores motivadores para o abandono do tabagismo foram citados, principalmente, a conscientização dos malefícios do cigarro e os problemas de saúde.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o tabagismo entre os acadêmicos do Curso de Enfermagem da USS mostrou-se presente e discretamente aumentado em relação a trabalhos anteriores. A prevalência de fumantes do sexo feminino foi semelhante a do sexo masculino, corroborando com estudos preliminares nos quais o número de mulheres tabagistas vem aumentando gradativamente. Todavia, novos estudos epidemiológicos de caráter descritivo deverão ser realizados com outros profissionais da área da saúde da Fundação Educacional Severino Sombra - FUSVE.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, A. P. A. et al. Prevalência e características do tabagismo em jovens da Universidade de Brasília. **J. Bras. Pneumol.**, v. 32, n. 1, p. 23-28, 2006.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER - INCA. **Tabagismo: um grave problema de saúde pública**. Rio de Janeiro, RJ: INCA, 2007. Disponível em: <http://new.paho.org/bra/index2.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=716&Itemid=423>. Acesso em: 21 jan. 2009.
- _____. MINISTÉRIO DA SAÚDE. INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER - INCA. **Jovens começam a fumar mais cedo**. 17 fev. 2004. Disponível em: <<http://www.inca.gov.br/tabagismo/atualidades/ver.asp?id=216>>. Acesso em: 21 jan. 2009.
- CHURG, D. F.; PRIO, W. A.. Free Radical Chemistry of cigarette smoke and its toxicological implications. **Environ Health Perspect.**, v. 64, p. 111-126, 1985.
- CINCIPRINI, P.M. et al. Tobacco addiction: implications for treatment and cancer prevention. **J. Natl. Cancer Inst.**, v. 89, n. 24, p. 1852-1867, 1997.
- FALCÃO, T. J. O.; COSTA, I. C. C.. O tabagismo em um município de pequeno porte: um estudo etnográfico com base para geração de um programa de saúde pública. **J. Bras. Pneumol.**, v. 34, n. 2, p. 91-97, 2008.
- FRAGA, S.; RAMOS, E.; BARROS, H.. Uso de tabaco por estudantes adolescentes portugueses e fatores associados. **Rev. Saúde Pública**, v. 40, n. 4, p. 620-626, 2006.
- GUAZZELLI, A.; TERRA FILHO, M.; FISS, E.. Tabagismo entre médicos da região do ABC Paulista. **J. Bras. Pneumol.**, v. 31, n. 6, p. 516-522, 2005.
- HALTY, L. S. et al. Análise da utilização do questionário de tolerância de Fagerström (QTF) como instrumento de medida da dependência nicotínica. **J. Pneumol.**, v. 28, n. 4, p. 180-186, 2002a.
- _____. et al. Pesquisa sobre tabagismo entre médicos de Rio Grande, RS: prevalência e perfil do fumante. **J. Pneumol.**, v. 28, n. 2, p. 77-83, 2002b.
- HARRELL, J. S. et al. Smoking initiation in youth: the roles of gender, race, socioeconomic, and developmental status. **J. Adolesc. Health.**, v. 23, n. 271-279, 1998.
- IGLESIAS, R. et al. **Controle do Tabagismo no Brasil**. Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento - Banco Mundial. Washington, DC: Banco Mundial, 2007. Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/Controle%20do%20Tabagismo%20no%20Brasil.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2009.
- MENEZES, A. M. B.; HALLAL, P. C.; SILVA, F. Tabagismo entre estudantes de medicina: tendências temporais e fatores associados. **J. Bras. Pneumol.**, v. 30, n. 3, p. 223-228, 2004.
- OGUISSO, T.; SEKI, L. K.. A prevalência do tabagismo entre estudantes de graduação da escola de enfermagem da Universidade de São Paulo. **Rev. Esc. Enf. USP**, v. 35, n. 1, p. 19-27, 2001.
- ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD - OPAS. **Tabaquismo – una amenaza constante para la salud**. Washington, DC: Oficina Sanit. Panam., 1997.
- ROSEMBERG, J.. **Nicotina – Droga Universal**. Rio de Janeiro, RJ: INCA, 2005. Disponível em: <<http://www.inca.gov.br/tabagismo/publicacoes/nicotina.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2009.
- SANTOS, K. P.; RODRIGUES, A.; REINALDO, M. A. S.. Relação entre a formação acadêmica dos estudantes de

enfermagem e sua percepção quanto ao tabagismo. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 9, n. 2, p. 432-442, 2007.

SAWICKI, W. C.; ROLIM, M. A.. Graduandos de enfermagem e sua relação com o tabagismo. **Rev. Esc Enferm. USP**, v. 38, n. 2, p. 181-189, 2004.

SILVA, V.L.C.; KOIFMAN, S. Smoking in Latin America: a major public health problem. **Cad. Saúde Pública**, v. 14, sup. 3, p. 99-108, 1998.

VIEGAS, C. A. A.; ANDRADE, A. P. A.; SILVESTRE, R. S.. Característica do tabagismo na categoria médica do Distrito Federal. **J. Bras. Pneumol.**, v. 33, n. 1, p. 76-80, 2007.

WHO - WORLD HEALTH ORGANIZATION. **WHO report on the global tobacco epidemic, 2008: The MPOWER package**. [S.l.]: WHO, 2008. Disponível em: <http://whqlibdoc.who.int/publications/2008/9789241596282_eng.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2009.

Recebido em: 15 Abril 2010

Aceito em: 11 Janeiro 2011